

O preconceito linguístico na peça “O dia de Alan”: falando sobre *bullying* na sala de aula

The linguistic prejudice in the play “O dia de Alan”: talking about bullying in the classroom

Thiago Henrique Fernandes COELHO*

RESUMO: O presente relato de experiência tem como objetivo fazer uma reflexão sobre as apresentações da peça “O dia de Alan” nas escolas de educação básica da cidade de Uberlândia durante os anos de 2018 e 2019. O enfoque do trabalho será discutir o processo de criação do espetáculo, a recepção dos educandos e professores ao assistirem a peça na escola e as reverberações disso nos atores, diretor e produtora da peça. A metodologia utilizada foi a cartográfica, ou seja, o ator pesquisador foi cartografando o impacto da peça durante as apresentações por meio das reações e das manifestações orais do público e também nas rodas de conversa em momentos distintos: a) após o espetáculo, e b) nas reuniões de trabalho com o elenco da peça “O dia de Alan”. Também será abordada a questão do preconceito linguístico tal como discutida pelo professor Marcos Bagno (1999; 2001).

PALAVRAS-CHAVE: Teatro infanto-juvenil. Preconceito linguístico. *Bullying*. O dia de Alan. Caipira.

ABSTRACT: The present experience report aims to reflect on the presentations of the play “O dia de Alan” in the basic education schools of the city of Uberlândia during the years 2018-2019. The focus of the work will be to discuss the process of creating the spectacle, the reception of students and teachers when watching the play at school and the reverberations of that in the actors, director and producer of the play. The methodology used was cartographic, that is, the researcher was mapping the impact of the play during the presentations through the reactions and oral manifestations of the audience and also in the conversation circles at different times: a) after the show, and b) at work meetings with the cast of the play “O dia de Alan”. The issue of linguistic prejudice as discussed by Professor Marcos Bagno (1999; 2001) will also be addressed.

KEYWORDS: Children's theater. Linguistic prejudice. Bullying. O dia de Alan. Hick.

1 Introdução

No segundo semestre de 2017, o professor Lucas Larcher conjuntamente com o docente Rafael Lorrán conduziram as disciplinas de Estágio Supervisionado em Espaços Escolares e Práticas Teatrais no curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia

* Graduado em Teatro, mestre em Artes Cênicas, doutorando em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia. Participa do projeto Pediatras do Riso/Palhaços Visitadores. Ator, palhaço, escritor, diretor e contador de causos. Possui contos publicados em diversos livros, como por exemplo, “Memórias: companheiras de viagem” na antologia Nemephile. “A Joanelinha e os pulgões” na revista LiteraLivre. “Emília na terra dos dinossauros” na Cartola Editora. “Devoradora de corações” no livro “Do fato para a ficção: a humanização das notícias de jornal”. “O amor está ao lado” na Psiu Editora. Ator e produtor no espetáculo “O dia de Alan” (2017-2020). Um dos organizadores do livro “O dia de Alan- Caderno de memórias”. Pesquisa comédia, cultura caipira e audiovisual. Atua no coletivo Clowns do Cerrado e no grupo de teatro Tamborete. ORCID <http://orcid.org/0000-0001-8700-3041> e e-mail para contato thiagofcoelho@hotmail.com.

(UFU). O objetivo dessas disciplinas foi realizar produções teatrais que dialogassem de alguma maneira com o espaço escolar. A direção da montagem ficou a cargo do professor Lucas Larcher e a dramaturgia e preparação de elenco com Rafael Lorrán. A turma era composta de seis estudantes: Camila Amuy, Isabela de Abreu, José Venâncio, Lucas Sá, Michele Rodriguez e Thiago Fernandes, da licenciatura noturna do curso de teatro, todos formandos naquele semestre.

A proposta de Lucas Larcher foi a montagem de um espetáculo que pudesse ocorrer em uma sala de aula, pois seu objetivo era que a produção fosse apresentada dentro da sala de aula nas escolas durante um horário de cinquenta minutos. Dessa forma, a maior parte dos ensaios de construção da peça aconteceu na sala 1 (sala teórica) do Bloco 3M do Campus Santa Mônica. Lucas Larcher e Rafael Lorrán trabalharam um mês com exercícios teatrais, sem apresentar o texto que seria montado. Os jogos conduzidos por eles buscavam explorar o espaço da sala de aula e possibilitar que os atores usassem as carteiras, o quadro, a lixeira e a mesa do professor como cenário para as improvisações e ressignificações desse mobiliário. Assim, o espaço escolar seria trabalhado como mote criativo na montagem do espetáculo.

Foi pedido que cada ator reproduzisse com o grupo uma aula que mais os havia marcado. Assim, cada ator conduziu essa aula marcante e, em seguida, explicitou os motivos de suas escolhas. Eu escolhi a oficina que fiz com a pesquisadora Carol Finger no primeiro semestre de 2017, no Bloco 3M, na sala de Interpretação do Curso de Teatro da UFU, pois fora uma prática muito marcante para mim, devido ao modo aconchegante da pesquisadora conduzir os jogos. Eu escolhi dois jogos da oficina: o do abraço e o do Gulliver. O jogo do abraço começa com as pessoas caminhando pela sala, a condutora da atividade pede a elas que parem e olhem a pessoa que está mais próxima e solicita a elas que se aproximem e experimentem diversas formas de abraçar. A orientadora deixou esse jogo ocorrer por uns trinta minutos, permitindo que as pessoas se abraçassem e entrassem em contato muito próximo, de forma que um pudesse sentir o pulsar do corpo do outro. Foi uma experiência ímpar para mim entrar em contato tão íntimo com outra pessoa.

O segundo jogo, o qual chamei de Gulliver, foi também desenvolvido pela Carol Finger, que, no dia da oficina, deu o exemplo do filme “As viagens de Gulliver”. Esse filme narra a chegada desse personagem em uma ilha e se depara com os pequenos habitantes que vivem lá. Gulliver parece ser para esse povo um gigante ameaçador. Então ele é capturado pelas pequenas criaturas que o imobilizam no chão e começam a escalar o corpo dele para

dominá-lo. Aicineira propôs que fizéssemos como os personagens e explorássemos o corpo do outro com diferentes formas de toque. A turma da oficina foi dividida em dois grupos e uma pessoa por vez era tocada por todos os outros do grupo. O modo como Carol Finger conduziu a atividade criou uma coletividade tão intensa na turma que participava dessa oficina que estabeleceu-se uma confiança e uma parceria entre todos. Esse jogo culminou em uma experiência profunda, pois as pessoas se permitiram entrar no jogo sem pudores, dispostas a experimentar. Tal oficina foi tão positiva que algumas professoras do curso de Teatro também participaram, dissipando aquele distanciamento de posições entre educador e educando e permitindo uma troca por meio do corpo.

Após as aulas conduzidas por cada ator, Lucas Larcher e Rafael Lorrán apresentaram o texto da montagem intitulado “O dia de Alan”, escrito por Vladimir Capella em 1989. Esse texto aborda a questão da diferença linguística, social, econômica e de classe na sala de aula, dentro das relações que se estabelecem nesse espaço. Primeiramente, foi feita uma leitura desse texto e cada ator aleatoriamente interpretou uma personagem. Os técnicos do curso de Teatro¹ – cenógrafo, figurinista e iluminadora – foram convidados para acompanhar a leitura. Ao término, foi feita uma discussão sobre o texto e cada ator fez suas ponderações sobre o conteúdo lido e manifestou sua visão sobre cada personagem e sobre as situações que ocorrem na trama. O cenógrafo Edu Silva, que trabalhou com o autor Vladimir Capella, contou sobre as montagens já feitas desse texto, o que foi positivo e negativo, e também - sobre a vida do dramaturgo.

A peça “O dia de Alan” se passa em dois espaços, na sala de aula e na praça próxima à escola, possui seis personagens, dois professores: Eugênio², professor de artes, e Adelaide, professora de inglês. E quatro estudantes, Alan, Gabis³, Léo e Suzana. Alan é o menino que veio do interior e sofre preconceito de Léo, Suzana e Adelaide por isso, pelo seu modo de falar, pelas palavras que não compreende, pelas que escreve errado e pela dificuldade no aprendizado da língua inglesa, enfim, seu jeito de ser. O professor Eugênio possui uma relação compreensiva com Alan e tenta entendê-lo, entretanto, esse docente está bem doente

¹ No curso de Teatro da UFU, os técnicos colaboram nas montagens dos espetáculos.

² Na adaptação, pois na original de Vladimir Capella, só Alan e Léo possuíam nomes, e eram duas professoras, já os alunos formavam uma espécie de coro, para reforçar o *bullying*.

³ A personagem na montagem se chamava Gabi, mas com a troca de atores explicada mais à frente se passará a chamar Gabis.

e falece, mas Alan não compreende o sentido dessa palavra, o que gera motivos para que os colegas façam *bullying* com ele. Já Gabis tenta ser amigo de Alan, mas fica com medo de não pertencer mais à turma liderada por Léo. Alan, havia construído um boneco na atividade de artes na última aula do professor Eugênio, mas não tinha dado um nome para ele, quando ouve a palavra faleceu, dá ao boneco esse nome, mas escreve a palavra “Faleseu” com S, isso gera o mote para o *bullying* dos colegas, devido ao erro gramatical cometido pela personagem.

Assim, a partir das improvisações, os professores avaliaram qual personagem se adequava melhor a cada ator, pois além das aulas nas disciplinas para a montagem do espetáculo, foram pedidas cenas sobre a vida escolar de cada ator, onde cada um narrou um pouco da sua trajetória de vida, os *bullyings* sofridos ao longo dessa trajetória e as cicatrizes ainda existentes em função deles. Dessa forma, os professores fizeram a divisão dos personagens a partir das improvisações e relatos de cada formando. Enquanto isso, o dramaturgo Rafael Lorrán elaborou a adaptação dramatúrgica do texto, a partir das improvisações e dos relatos de experiências do elenco sobre sua vida escolar, dos *bullyings* sofridos na escola e das relações que tiveram nesse espaço. A divisão dos personagens ficou da seguinte forma: Camila Amuy como a personagem blogueira Suzana, Isabela de Abreu como a personagem nerd Gabi, José Venâncio como o diferente Alan, Lucas Sá como o compreensivo professor de artes Eugênio, Michele Rodriguez como a malvada professora de inglês Adelaide e Thiago Fernandes como o “valentão” Léo.

Durante os ensaios, com a construção das cenas, cada ator recordou do seu processo escolar, pois como a temática da peça estava relacionada a situações próprias desse ambiente muitas memórias da época vivenciadas pelos atores vieram à tona. Memórias essas positivas e negativas, pois a escola é um local que marca cada ser que passa por ela, e nem sempre são memórias boas.

Para mim, especificamente, o processo de criação do espetáculo foi um momento de encontro comigo mesmo, de passar em revista o meu percurso escolar e refletir sobre o que passei nesses anos na escola. Isso me permitiu desconstruir medos e olhar para frente, pois em breve estaria formado.

O objetivo da montagem do Estágio em espaços escolares teve como meta apresentar nas escolas de educação básica de Uberlândia a peça “O Dia de Alan”, a fim de promover uma discussão e uma reflexão sobre o preconceito, nesse caso em específico, um dos

preconceitos presentes na história é o linguístico. Contudo, ao fim do semestre, as escolas já estavam com os preparativos para o fechamento do ano letivo e não tivemos a oportunidade de nos apresentarmos nesses espaços devido às férias de fim de ano. Assim, decidimos que seriam feitas quatro apresentações em outros espaços: a pré-estreia foi no “1º Seminário do Mestrado Profissional em Artes” (Prof-Artes - UFU), depois fizemos duas apresentações na semana de encerramento do curso de teatro da UFU e, por fim, uma apresentação no CEMEPE (Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz) para professores de educação básica da cidade de Uberlândia. Com essas apresentações, observamos que o espetáculo inquietava muito o público, pois aborda um tema que todos de alguma forma vivenciaram na sua vida escolar, que é o *bullying* em relação à forma como determinada pessoa fala e se comporta verbalmente.

Fizemos uma reunião ao final dessa primeira temporada de apresentações, alguns integrantes do elenco tinham o desejo de continuar com a montagem da peça e realizar apresentações nas escolas de Uberlândia, mas dois integrantes, Lucas Sá e Michele Rodriguez mudaram-se dessa cidade. Com isso, no primeiro semestre de 2018, voltamos a nos reunir com o diretor Lucas Larcher e decidimos fazer uma seleção de elenco para o espetáculo. Os atores aprovados foram Roberta Liz para o papel de Adelaide e Eduardo Gasperin para o papel de Eugênio e o calouro do curso de Teatro – Yuri Leite – para substituir algum ator, caso ocorresse algum imprevisto. Ensaíamos durante o primeiro semestre de 2018 e nos inscrevemos em alguns editais para fomentar nossa chegada nas escolas, pois tudo isso possui custos e o fomento público é necessário para permitir a manutenção e a circulação de obras artísticas, mas a inexperiência com a burocracia e com a documentação não nos permitiu ser aprovados. Ao final do semestre, o grupo estava em crise, devido às dificuldades de ensaio, pois não tínhamos mais os horários e nem as salas reservadas para a disciplina, como foi no processo de montagem, e nem um professor para conduzir. Então, convocamos uma outra reunião e nos sentamos para conversar.

Camila Amuy apontou que tinha interesse em trabalhar somente com produção teatral, devido as suas experiências anteriores nessa seara. Dessa forma, Isabela de Abreu assumiu o papel anteriormente interpretado por Camila e Yuri ficou com a personagem Gabi que, depois, virou Gabis, ou seja, ocorreu uma mudança do sexo do personagem.

No segundo semestre continuamos os ensaios, mesmo sem a presença do diretor Lucas Larcher, que se mudou para São José do Rio Preto, no estado de São Paulo. Nesse meio

tempo, concorremos ao Edital PIAC Estudantil 2018 (Programa Institucional de Apoio à Cultura) da Universidade Federal de Uberlândia, fomos aprovados e conseguimos recursos para circularmos com o espetáculo por escolas públicas de educação básica de Uberlândia.

O critério de seleção dos locais onde nos apresentaríamos, definido pelo grupo, foi as escolas onde houvessem professores efetivos de teatro que fossem egressos do curso de Teatro da UFU. A chegada da peça pela primeira vez nas escolas públicas de ensino básico nos surpreendeu com o impacto que ela produziu nos estudantes e profissionais da educação. Percebemos o quanto era importante continuar com a circulação da peça nesses espaços, pois tratávamos de um assunto necessário e essencial de ser discutido na escola, ou seja, o preconceito com o diferente.

Para tanto, continuamos a procurar editais a fim de fomentarmos nossas produções, e em 2019 fomos aprovados no Edital PIAC Estudantil 2019. Com os recursos recebidos, circulamos com a peça “O dia de Alan” por escolas públicas e fizemos uma apresentação para o curso de licenciatura em Química da UFU - Campus Santa Mônica. Também fomos aprovados no Edital PMIC 2019 (Programa Municipal de Incentivo à Cultura) da Prefeitura de Uberlândia e circulamos nos apresentando naquelas escolas selecionadas pelo critério de possuir em seu quadro professores egressos do curso de Teatro. Também nos apresentamos no CITU (Circuito Independente do Teatro de Uberlândia). A aprovação nesses editais nos permitiu constituir um grupo de teatro, o qual nomeamos de “Grupo Pim Bem Bum! de Teatro”. As observações feitas nessas apresentações serão foco de discussão nesse relato de experiência sobre a trajetória do espetáculo nas escolas.

2 Pressupostos teóricos

Como já explicitamos acima, o espetáculo que levaríamos às escolas de educação básica de Uberlândia tinha como mote o *bullying* e o preconceito linguístico. No Brasil, as formas de falar diferentes do registro formal são alvo de desprestígio linguístico e consideradas “erradas”. Esse preconceito contra o registro informal vem, segundo a linguista Bortoni-Ricardo (2005, p. 33) “[...] do prestígio da norma culta, imposta pela ação da escola, dos meios de comunicação e do *status* das classes mais favorecidas”.

Os grupos dominantes (jornais, revistas, leis) acabam impondo o registro formal como a única forma correta e aceitável da língua. O brasileiro pouco escolarizado reconhece a existência desse registro, mas percebe o preconceito em relação ao seu modo de falar, e,

assim, procura adaptar a sua fala ao registro urbano. Com isso, surgem formas de falar diferentes das faladas pelas classes de prestígio, somando-se a elas os regionalismos e as formas menos monitoradas de fala (BORTONI-RICARDO, 2005).

Pesquisas apontam que as variações linguísticas são frutos da história, da mudança constante da língua e, por isso mesmo, não são homogêneas, não existe língua superior e nem inferior, mesmo nas variações regionais. Os preconceitos contra as línguas não passam por critérios linguísticos, ao contrário, são de natureza política e social. O preconceito contra o modo de falar caipira, ou contra a forma não padrão de falar, existe porque trata-se da língua falada por falantes de classes sociais baixas, com reduzida escolaridade cujos falantes são provenientes de regiões culturais desvalorizadas (BAGNO, 1999). A esse respeito, o linguista Marcos Bagno (2001) comenta que as pessoas que moram na cidade zombam do R retroflexo, o R “caipira” dos falantes provenientes da zona rural e de várias outras regiões brasileiras. Contudo, essas pessoas vão aos cursos de inglês aprender a pronunciar esse R como os estadunidenses falam, em palavras tais como foRk (garfo), moRning (manhã), caRpet (tapete). “Por que se considera ‘desagradável’ o r retroflexo, o chamado r caipira, (...) ? Afinal, a mesma articulação retroflexa ocorre em palavras do inglês” (...), que ninguém sente como ‘feia’”, aponta a linguista Alkmin(2004). Em resumo: “julgamos não a fala, mas o falante com base na posição social que ele ocupa na sociedade” (ALKMIM, 2004, p.42).

Essa discussão está presente na peça “O dia de Alan”, pois nem os personagens Léo e Suzana, nem a professora de inglês Adelaide aceitam a forma como Alan, personagem que vem do interior do estado de Minas Gerais lida com a língua portuguesa. Nesse caso, a professora de inglês não entende as dificuldades de Alan no processo de aprendizagem de outra língua a partir do seu modo de falar caipira, e, assim, comete *bullying* contra o estudante, evidenciando uma visão elitista, eurocêntrica e conservadora sobre educação.

No Brasil existe o mito de que a forma “correta” da língua a ser falada por todos é a norma culta, por estar presente nos documentos oficiais e ser sistematizada pela gramática. Entretanto, o preconceito linguístico contra os falantes do português não padrão, em um país como o Brasil, com enorme diversidade linguística, é prejudicial. Outra dificuldade em relação a esse assunto é que pessoas que usam variedades linguísticas desprestigiadas têm dificuldades para compreender documentos dirigidos a eles pelo poder público, porque estão escritos de uma forma muito diferente do contexto socioeconômico e cultural desses falantes pouco ou não escolarizados (BAGNO,1999). Vemos isso no personagem Alan, que não

compreende as palavras usadas pelos outros personagens na escola, e nos professores, que vêm de outro contexto, diferente da realidade do personagem. A citação abaixo de Bagno (1999) exemplifica muito bem o contexto que o espetáculo aborda:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (BAGNO, 1999, p.40).

O não reconhecimento da diversidade linguística do Brasil pela escola é outro grave problema, porque ao lidar com a língua como se ela fosse homogênea, estudantes provenientes de lugares onde se usa pouco a norma padrão da língua sentem dificuldades ao entrar em contato com essa norma, soando como se fosse uma língua estrangeira (BAGNO, 1999). Na peça “O dia de Alan”, essa situação de preconceito ocorre com o personagem Alan que sofre *bullying* pelo seu modo de falar. Quando Alan entra em contato com o inglês na aula da professora Adelaide, tem dificuldades em pronunciar as palavras dessa nova língua e a professora não entende a dificuldade do estudante, é preconceituosa com ele quando expõe suas limitações para toda a turma, ao chamá-lo à frente da sala para pronunciar as palavras em inglês diante de toda a turma.

No texto de Vladimir Capella, a origem caipira de Alan era mais evidente, mas esse aspecto foi suavizado na adaptação de Rafael Lorrán. Mesmo assim, o personagem Alan segue discriminado por ser um caipira e pela forma como fala, sendo considerado pelos colegas e pela professora Adelaide como “burro”, palavra usada pelos personagens, pelo fato de Alan não saber o significado da palavra faleceu, e escrevê-la com “S” e não com “C”, e suas dificuldades com o aprendizado da língua inglesa.

A visão de Léo e Suzana mostra que eles foram alfabetizados na ideia de certo e errado da gramática normativa, não tendo a compreensão sociolinguística que nos mostra o linguista Bagno (1999) em seu texto sobre o preconceito linguístico. Dessa forma, por Alan cometer esse erro, seus colegas o humilham, ligando-o à ideia pejorativa que se tem da fala de uma pessoa proveniente da zona rural, nesse caso o chamado caipira, que é representado pelo Jeca Tatu, personagem criado por Monteiro Lobato (1918) para retratar o homem brasileiro abandonado pelos poderes públicos.

Assim, os personagens da peça colocam Alan como um caipira, um homem pouco escolarizado e, por isso, burro, a partir de uma visão de superioridade da norma culta sobre a norma popular, da superioridade da cidade sobre o campo e da superioridade da língua estrangeira sobre a materna. Tal visão foi construída ao longo do século XX com o estereótipo do caipira, cujo ideal nacional desenvolvimentista buscava um representante nacional, mas negava esse perfil de homem como o representante do brasileiro, pois o consideravam atrasado e um entrave à modernização do país.

Fressato (2009), evidencia que na década de 1950 e 1960, o ideal nacional desenvolvimentista se posicionava contra o caipira ser o representante do Brasil, pois o grupo liderado por Juscelino Kubitschek não pretendia ligar a imagem da nação a um ser que consideravam atrasado e dessa forma um entrave à industrialização do Brasil. Mesmo pensamento mostrou-nos Monteiro Lobato (1956) quando representou o Jeca Tatu em seu conto *Urupês* para discutir questões sociais e fazer crítica à elite intelectual brasileira da época, que mostrava descaso total para com a situação dos trabalhadores rurais brasileiros.

As primeiras obras que representaram o caipira paulista, já eram carregadas de ideais preconceituosos, como por exemplo, “Viagem à Província de São Paulo” de Saint-Hilaire (1976) e “*Urupês*” de Monteiro Lobato (1956), com o conhecido personagem Jeca Tatu, um caipira excluído e marginal da sociedade. A visão de Saint-Hilaire era eurocentrica colonizadora sobre os caipiras, pois o descrevia como homens preguiçosos, ignorantes e embrutecidos pelo isolamento, com doenças, que não o deixavam pensar, os comparando a árvores e ervas do campo, dizendo que vegetavam (BRANDÃO, 1983 apud MONTEIRO, FERNANDES e COSTA, 1998, s/p).

Por estas visões preconceituosas que se espalharam durante o século XX, temos a oposição urbano e rural, com os representantes da modernização durante o processo de industrialização pensado que o caipira era um símbolo que poderia atrapalhar o progresso do país. Com isso, está presente a mentalidade do colonizador como possuidor de uma cultura superior à do colonizado (YATSUDA, 1987) e mostra a oposição cidade *versus* campo e, logicamente, a supremacia da norma padrão sobre a norma popular. Essa mesma visão está presente nas falas das personagens urbanas Adelaide, Léo e Suzana que, na peça, não aceitam o jeito de ser de Alan e o criticam por achá-lo inferior às outras pessoas por ser proveniente da zona rural e ter uma forma peculiar de falar.

De acordo com o sociolinguista Labov (1972), o inglês falado majoritariamente nos guetos pelos negros nos Estados Unidos, que fugia ao inglês padrão, não era corrompido, mas apenas um modo diferente de falar, pois há uma lógica linguística específica e própria daquele local e daquela população. Isso não quer dizer que essa forma de falar é inferior à língua padrão (BAGNO, 2001). Essa mesma lógica se aplica ao modo de falar caipira, que não é errado e nem pejorativo, mas uma variedade linguística que se desenvolveu em partes do sudeste, do centro-oeste e do oeste do Paraná, que, segundo Antônio Cândido (1982), formavam a região denominada a grande Caiapônia.

Segundo Bagno (2001), o preconceito linguístico está no mesmo senso comum que os outros, como o preconceito racial - que coloca o índio como preguiçoso e o negro como malandro, o preconceito sexual - que inferioriza a mulher, despreza o homossexual, e engrandece a rudeza no homem, o preconceito cultural - que valoriza mais o conhecimento científico que o popular, mais a cultura escrita que a oral, e o socioeconômico - desprezo pelo pobre e exaltação do rico. Essa é a visão preconceituosa da professora Adelaide, que despreza Alan por sua origem rural, mostrada na peça.

Bagno (2001) aponta que a tal falada unidade linguística brasileira não passa de um mito, pois temos as línguas indígenas e as que vieram com os imigrantes. No Brasil, temos uma gama de variedades da língua portuguesa, cada qual com sua lógica. Falar diferente não está errado e isso tem uma explicação linguística, histórica, sociológica e psicológica. As características que determinam o português não padrão (PNP) são encontradas em outras línguas. Os erros que são apontados no PNP podem ser considerados arcaísmos, traços da língua portuguesa antiga, que foram sendo transformados de região para região e com os contatos com outras línguas e povos, seja as indígenas e as africanas (BAGNO, 2001). Esse autor complementa ainda que “a escrita é tentativa de representação da língua falada e nasceu centenas de milhares de anos depois de o homem ter começado a falar” (BAGNO, 2001, p. 204). A escrita é uma tentativa de simbolizar a fala, mas que pode ter interpretações variadas. A língua escrita é uma forma de registro, utilizada para transmitir saberes e culturas, mas não pode ser castradora da fala (BAGNO, 2011).

Assim, a partir do discutido acima, vemos esse preconceito linguístico presente no espetáculo “O dia de Alan”, a partir do preconceito linguístico sofrido pelo estudante Alan e praticado pelos seus colegas de sala Suzana e Léo, e pela professora Adelaide, que não se permitem manter um diálogo considerando a cultura caipira representada por Alan. Ao

contrário, esses personagens tentam impor sua cultura urbana e seus modos de falar ao personagem Alan, discriminando-o e acentuando as dificuldades desse personagem no aprendizado do inglês. Desse modo, temos uma tentativa de imposição de uma cultura em desprestígio de outra. Com isso, a escola ao invés de acolher o personagem Alan, acaba excluindo-o, discriminando-o e tentando apagar sua diferença cultural. Em suma, o espetáculo aborda a tentativa de apagamento de uma cultura por outra e o quanto isso é prejudicial para as pessoas envolvidas.

3 Metodologia

A cartografia será o procedimento metodológico que guiará este relato de experiência. A palavra cartografia vem do grego, sendo a junção das palavras *Chartis* (Mapa) e *Graphien* (Escrita). O termo é utilizado na construção dos mapas pelos geógrafos, mas foi tomado emprestado por Gilles Deleuze e Félix Guattari no livro *Mil Platôs* (1995) e é usado para embasar pesquisas que não lidam com a exatidão. Deleuze e Guattari (1995) correlacionam a cartografia ao rizoma de uma planta pelo fato de não possuir centralidade, crescendo na horizontal, como as batatas ou as gramíneas. Dessa forma, a pesquisa vai sendo construída a partir das oportunidades descobertas e encontradas.

Para cartografar parte-se de um desejo, um objetivo e algumas ideias que colaborarão como pistas na elaboração do mapa, tendo a concretização somente no fim da pesquisa. O desejo é o motor e o mapa será o caminhar da pesquisa. Suely Rolnik (1989) salienta a antropofagia do cartógrafo que come, absorve, digere e reconstrói o que foi objeto de inspiração (degustação) (ROLNIK, 1989).

Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia. O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado. Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias. [...] O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessa: pontes de linguagem (ROLNIK, 1989, p. 16).

A pesquisa cartográfica também é chamada de pesquisa-intervenção, isto é, o pesquisador transforma a pesquisa e esta o transforma. O objetivo desse tipo de pesquisa é acompanhar processos, por isso baseia-se em pistas para guiar o percurso. Tanto pesquisas

qualitativas como as quantitativas podem usar a cartografia, pois é o acompanhamento de uma estrada (KASTRUP, 2012).

Na cartografia ocorre uma reversão metodológica, pois o caminho não é estabelecido de antemão, é construído a cada passo (PASSOS, KASTRUP & ESCÓSSIA, 2012). “Este paradigma de produção de saberes e práticas inspirado em pensadores como Nietzsche, Deleuze e Foucault, critica a tradição filosófica socrático-platônica e sua busca incessante de uma verdade essencial” (AZEVEDO, 2017, p. 21).

Deleuze e Guattari (1995) explica o conceito da intuição, que faz parte da vida dos pesquisadores. No trabalho do cartógrafo está presente a intuição, que busca compreender o que o instiga. Portanto, desde o primeiro passo da jornada, algumas respostas já nos acompanham, mesmo que outras serão encontradas *a posteriori*. A cartografia será, assim, a ferramenta metodológica que usaremos na abordagem do espetáculo “O dia de Alan” no contexto da educação básica em Uberlândia.

4 Resultados

Durante as apresentações, sejam as realizadas nas escolas de educação básica ou as realizadas em cursos de licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia, o público foi tocado pela temática da peça. Muitos estudantes nesses dois contextos de ensino (básico e superior), após a apresentação da peça, relatavam suas impressões ao ator José Venâncio, intérprete de Alan. Eles diziam que se sentiam como se fossem o Alan ali na escola ou na universidade. Em outros momentos, outro ator ouvia um estudante da educação básica contando para o colega que se identificava com a situação vivida pelo personagem. Ao longo das apresentações esse autorreconhecimento nos acompanhou em cada escola e mesmo no processo de montagem da peça, alguns atores se enxergavam na pele de Alan sofrendo o preconceito.

Em uma das salas em que apresentamos a peça, ocorreu uma situação inusitada: uma professora acabou revelando em público durante a roda de conversa que uma de suas estudantes “poderia ser considerada o Alan, mas que, felizmente, ela conseguiu superar o *bullying* sofrido”. Tal comentário expôs a estudante perante os colegas, o que não é objetivo da peça, mas por outro lado, mostra a superação da mesma, o que é um ponto positivo, assim como a personagem da peça faz ao final do espetáculo, ao propor um diálogo com seus agressores.

As professoras reconheceram-se nas ações dos personagens professores. A equipe de produção, que acompanha as apresentações, relatou que ouviu algumas professoras das escolas públicas se identificando com a posição autoritária da personagem Adelaide, inclusive dizendo durante a apresentação: “Olha lá, essa sou eu!”. Mas outras colocavam-se na interface entre as duas abordagens de professores, identificando-se também com a compreensão do professor Eugênio, que é um personagem que escuta os educandos, propõe-se ao diálogo, aceita a diferença e traz uma pedagogia do encontro e da troca com os estudantes.

O personagem Léo, as personagens Adelaide e Suzana são vilões, mas também ligados à comicidade, o que acaba conquistando o público, pois funciona como uma forma de amortizar os momentos fortes da peça. Há também momentos em que os personagens usam gírias como uma forma de comunicação mais próxima com os estudantes da educação básica. Tais palavras agradam tanto a esse público que, durante o espetáculo, eles acabam repetindo-as. Já a personagem Suzana, que é ligada às redes sociais, conquista o público mais ligado às tecnologias, por isso, muitos estudantes acabam identificando-se com ela. Contudo, isso não elimina o papel de preconceito que eles desempenham na peça, e ao longo da apresentação, o público percebe isso e se solidariza com a história de Alan.

Ao fim da apresentação, alguns estudantes e professores me disseram para eu ser mais bonzinho na peça, pois eu interpreto o personagem Léo, que faz *bullying* com o Alan. Na apresentação que realizamos no CEMEPE, uma professora me disse que deu vontade, durante a peça, de levantar e fazer o Léo ficar quieto. Com isso, vemos o impacto do espetáculo nos espectadores, gerando vontades e desejos de intervenção no espetáculo, enquanto apreciam a encenação da peça.

Em muitas turmas, os estudantes acabam fazendo *bullying* com o Alan, juntamente com os personagens. Em algumas partes da encenação, pôde-se ver um ou outro estudante o defendendo. Mas na apresentação realizada na Eseba (Escola de Educação Básica da UFU), a turma inteira se voltou contra os vilões da peça. As crianças mandavam os vilões calarem a boca, chegaram a dar tapas na professora Adelaide e levantaram para empurrar e enfrentar o Léo.

Essa foi a primeira vez que a turma toda ficou a peça inteira do lado do Alan, pois, geralmente, as crianças e adolescentes oscilam o comportamento e ora o defendem ora riem dele. Na primeira parte do espetáculo, antes de chegar ao clímax da apresentação, onde ocorre

a solidarização dos estudantes com o sofrimento do protagonista. Mas, dessa vez, a turma toda posicionou-se em defesa do personagem desde o começo da apresentação.

O texto da peça é um mosaico de questões para serem colocadas em debate pelos professores em suas aulas, sendo esse o intuito das apresentações feitas, ou seja, que as reverberações propiciadas pela encenação continuem nas escolas a partir da nossa passagem.

Ao fim da apresentação, uma menina estudante disse para a atriz Roberta Liz que a peça não era para criança, pois era muito triste. A atriz perguntou para a menina o que tinha que ser “peça para criança” e ela respondeu que era de princesa e contos de fadas. Podemos refletir nesse ponto sobre como o *bullying* afeta os espectadores e que infelizmente nem todas as histórias possuem o final feliz. Esse era o objetivo do diretor na concepção do espetáculo: trabalhar com temas tabus para o público infatojuvenil, como a questão da morte, dos malefícios do preconceito etc.

Na apresentação que realizamos na disciplina de Didática Geral para o curso de licenciatura em Química, os estudantes ficaram tocados com a história de vida da personagem Alan e choraram durante os momentos de tensão da peça, pois se reconheceram nas situações retratadas. Um estudante contou ao ator José Venâncio que na vida escolar ele foi sempre o Alan.

Os estudantes também relataram que nesse curso não se discute muito a questão da licenciatura e estão mais focados nos cálculos, e que a peça os fez pensar muito a respeito da temática. Comportamento similar ao desses estudantes de Química foi visto na encenação da peça para os estudantes da licenciatura em Teatro, que estavam começando os estágios no espaço escolar e questionaram muito os atores do espetáculo, professores na educação básica, sobre a temática abordada na peça e pediram que eles compartilhassem com eles suas experiências enquanto docentes de educação básica.

A partir do relatado acima, percebemos que a peça “O dia de Alan” toca o público de várias formas, pois lida com o ambiente onde crianças/adolescentes e professores convivem todo dia. Quando a peça é apresentada para graduandos dos cursos de licenciatura, estes recordam seu tempo de escola e as marcas que ficaram, como também os faz pensar no seu futuro enquanto profissionais da educação.

Os professores relatam que a peça mostra situações que ocorrem diariamente nas salas de aula, tanto que eles procuram escolher as turmas que têm mais problemas com a questão

do *bullying* para assistir à peça. Durante a apresentação, os atores percebem que a turma acaba identificando em cada personagem da peça um colega e o aponta durante a encenação.

Alan, ao final da peça, ao tomar coragem e enfrentar seus medos e seus agressores, assume as rédeas de seu próprio destino e rompe com a ideia de caipira submisso e inocente, cuja visão preconceituosa contra pessoas provenientes de cidades do interior ou da zona rural ainda resiste em muitas pessoas moradoras das metrópoles brasileiras.

A peça, assim, propõe uma reflexão sobre as diferenças sociais, regionais, linguísticas e econômicas existentes na sala de aula e como lidar com elas, buscando sempre o diálogo para resolver os problemas, pois se não falarmos sobre esses problemas, a situação não muda.

5 Considerações finais

Ao criar, atuar e produzir o espetáculo “O dia de Alan”, tive a noção do quanto esse texto discute questões importantes para o ambiente escolar e para a sociedade brasileira, mineira e do Triângulo Mineiro, que é a questão do preconceito linguístico contra o caipira, o morador do interior do Brasil, da zona rural, sem muita escolaridade. Entendi o quanto a sala de aula é o local onde as diferenças se tornam extremamente nítidas, pois ali encontram-se crianças, jovens e adultos de diferentes classes sociais, culturas e de idades distintas. E muitas vezes, na escola, não ocorre uma escuta do que o outro tem a dizer sobre seu lugar de origem, apenas o julgamos pela aparência e pelo modo de falar, não lhe damos a chance de se apresentar e de perceber o quanto o contato com o outro pode nos transformar, alargar e mudar nossas visões de mundo, tornando-nos seres humanos melhores.

O *bullying* é muito maléfico para quem sofre, marca a vida por muitos anos e certamente por toda a vida. Por isso é tão urgente discuti-lo na escola e combatê-lo. O espetáculo “O dia de Alan” se propõe a fazer isso, a partir da abordagem do cotidiano de uma sala de aula, onde os diferentes encontram-se e não se escutam.

Discutimos também na peça o papel do professor e a sua relações com os educandos. Na rodas de conversa, reflexões sobre esse tema a floraram e juntos pensamos sobre a realidade educacional atual, no contexto de Uberlândia, mas que dialoga com outras realidades nacionais e talvez internacionais, e o quanto é difícil e desacreditada a profissão de professor, mas como ela é necessária e importante para a sociedade.

A montagem de “O dia de Alan” rompe com os padrões clássicos teatrais que delimita o espaço (o edifício teatral) onde uma peça pode ser apresentada, fato que exige o

deslocamento do público até esse local. Na proposta que implementamos, a peça ocupa a escola e chega às pessoas que, na sua maior parte, nunca tiveram uma experiência teatral. Tal proposta contribui para a formação de público. Outro ponto importante é a questão do cenário, pois as ações ocorrem em uma sala de aula real, que possui uma história. O espaço e seus respectivos objetos estão repletos de memória de pessoas que passaram por ali. Isso contribui para dar peso à história encenada, fato visto durante as apresentações, pela emoção e relato do público durante e após a apresentação.

Por fim, resta dizer que montagens originadas de disciplinas do curso de Teatro possuem dificuldades de sobrevivência após o fim do semestre letivo, pois não possuem mais nem o espaço nem o horário reservado para as apresentações, nem o professor responsável pelo processo. Assim, são poucos os casos de continuidade das apresentações dos espetáculos produzidos no curso de teatro. Nessa perspectiva, ver que conseguimos manter a peça em circulação por três anos, cumprindo seu objetivo de ser apresentada em escolas, foi um grande caso de sucesso e orgulho para mim, pois trabalhamos uma temática tão importante e marcante para quem teve a oportunidade de assistir ao espetáculo.

Toda essa experiência está relatada no livro “O dia de Alan: caderno de memórias”, organizado por Camila Amuy, Lucas Larcher e Thiago Fernandes, com textos de todo o elenco, pessoas que contribuíram no contexto técnico da peça e espectadores. Convido quem tiver interesse em saber mais sobre todo o processo a conhecer nosso livro. Temos também uma página no instagram - [@odiadealan](#), que registra todo nosso percurso desde a concepção até a produção do livro.

Referências

ALKMIM, Tania Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, F., BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. 1. v.

AZEVEDO, Rafael Torres. **Redução de danos e vínculos com usuários de drogas: a escuta do olhar de um palhaço**. UFU: 2017.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 3. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 10. Ed. São Paulo: Contexto, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós Chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os caipiras de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora34, 1995. v.2.

FRESSATO, Soleni Biscouto. **Caipira sim, trouxa não**: representações da cultura popular no cinema de Mazaropi e a leitura crítica do conceito pelas Ciências Sociais. Tese (Doutorado em ciências sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em <http://repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/10240> Acessado em 24 de junho de 2019.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In Passos, Eduardo.; Kastrup, Virgínia.; Escóssia, Liliana da.; (Org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 1972.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo, Brasiliense, 1956.

MONTEIRO, Ana Cecília Del Mônaco; FERNANDES, Carlos Eduardo; e COSTA Marcelo Silva. **Do caipira ao sertanejo**: cultura, música e indústria cultural. Taubaté, 1998. Disponível em <http://screamyell.com.br/especial/monografia_mac.pdf> Acessado em 13 de maio de 2018.

PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia.; ESCOSSIA, Liliana da.; Apresentação. In Passos, Eduardo.; Kastrup, Virgínia.; Escóssia, Liliana da.; (Org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a provincia de Sao Paulo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

YATSUDA, Enid. O caipira e os outros. In: BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira**: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

Artigo recebido em: 18 de dezembro de 2020

Artigo aprovado em: 16 de março de 2021